

A formação política pela Sétima Arte: a experiência no acampamento “Resistência”

Ana Cecília Oliveira Silva¹, Andreia Farina de Faria², Gabriela de Moraes Santos³, Juliana de Araújo e Silva⁴, Fabiane Santana Previtalli⁵

Resumo

O presente relato é resultado da experiência do projeto “A formação política pela sétima arte: o cinema como prática pedagógica e de cidadania nos movimentos sociais de Uberlândia”. Nesta, realizamos a exibição e o debate do filme “Guariba-1984” no acampamento “Resistência”. O objetivo da atividade realizada foi reconhecer as concepções de movimento social, justiça e política dos integrantes deste grupo. O cinema é uma arte que, por meio de imagens seriais, de um determinado uso do tempo e do espaço, oferece ao espectador, pela visão do cineasta, uma leitura da realidade. Dessa maneira, o filme exige que o interlocutor se posicione ativamente diante da mensagem que lhe foi transmitida. É nesse sentido que optamos por esta ferramenta didático-pedagógica para o desenvolvimento deste projeto, baseado na pesquisa-ação. Ao final da atividade, concluímos que o debate foi um espaço importante para que realizássemos uma análise política acerca da organização social do movimento em questão: MPRA- Movimento Popular pela Reforma Agrária, dialeticamente contribuindo para sua reflexão.

Palavras-chave

Cinema. Formação Política. Educação. Movimentos Sociais.

1. Aluna do programa de pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anacecilia1985@gmail.com.

2. Aluna do programa de pós-graduação em Sociologia na Universidade Estadual de São Paulo, bolsista FAPESP. E-mail: andreiaffaria@hotmail.com.

3. Acadêmica do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: gabimorais.ufu@gmail.com.

4. Acadêmica do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: iusociais.ufu@gmail.com.

5. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professora da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia, pesquisadora FAPEMIG. E-mail: fabianesp@netsite.com.br.

The political formation by Seventh Art: the experience in the camp “Resistência”

Ana Cecília Oliveira Silva*. Andreia Farina de Faria**. Gabriela de Moraes Santos***. Juliana de Araújo e Silva****. Fabiane Santana Previtalli*****

Abstract

This article is a result of the experience of the project “Training policy for the seventh art: film as pedagogical practice and citizenship in the social movements of Uberlândia”. We performed the exhibition and discussion of the film “Guariba-1984” in the camp “Resistencia”. The purpose of the activity was to recognize the concepts of citizenship, politics and justice of the members of this social movement. Cinema is an art that, through serial images, particular uses of time and space, offers to the spectators, through the vision of the filmmaker, a reading of reality. Therefore, the film requires that the speaker is actively positioned in front of the message that was sent to him/her. It is in this sense that we chose this didactic and pedagogic tool for the development of this project based on action research. At the end of this activity we concluded that the debate was an important space for that we attained a political analysis about the social organization of the movement in question: MPRA dialectically contributing to their reflection.

Keywords

Cinema. Education Policy. Education. Social Movements.

* Mastering of the post-graduation program in Education at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anacecilia1985@gmail.com.

** Mastering of the post-graduation program in Sociology at Universidade Estadual de São Paulo and FAPESP’s trainee. E-mail: andreiaffaria@hotmail.com.

*** Social Sciences academic at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: gabimorais.ufu@gmail.com.

**** Social Sciences academic at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: jusociais.ufu@gmail.com.

***** Doctor in Social Sciences at Universidade Estadual de Campinas, professor in the Philosophy and Social Sciences Graduation at Universidade Federal de Uberlândia and FAPEMIG researcher. E-mail: fabianesp@netsite.com.br.

Introdução

Este artigo é resultado de atividades realizadas no âmbito do projeto de pesquisa e extensão universitária “A formação política pela Sétima Arte: o cinema como prática pedagógica e de cidadania nos movimentos sociais de Uberlândia-MG”. O projeto visa, por meio do cinema enquanto prática pedagógica, contribuir para com a tomada de consciência, a organização social e a conquista de direitos humanos na perspectiva da construção de uma sociedade justa e igualitária, tendo como público-alvo os movimentos sociais na região do Triângulo Mineiro/MG.

O cinema é uma arte que, por meio de imagens seriais de um determinado uso do tempo e do espaço, oferece ao espectador, pela visão do cineasta, uma leitura da realidade. Rodrigues (2003) afirma que o cinema apresenta sempre um discurso que almeja necessariamente expressar um sentido a ser encontrado em signos materiais que se manifestam através das imagens. Tais signos incluem os significantes orais do filme, assim como os gráficos e artísticos, e também a linguagem utilizada. Os significantes se encontram justapostos e articulados de tal maneira que levam o interlocutor a estabelecer diversas relações significativas entre os elos que ligam todos os aspectos do filme. Dessa maneira, a linguagem cinematográfica exige que o interlocutor se posicione ativamente diante da mensagem que lhe foi transmitida.

É a partir desse posicionamento que conseguimos extrair as noções/conceitos que orientam a prática dos movimentos sociais. Conforme demonstraremos neste artigo, existem largas diferenças entre as formulações/expressões da base e das lideranças. A análise do discurso nos leva a identificar a contradição de ideias, bem com a afirmação de concepções que, na verdade, são apontadas como alvos de superação pelo movimento. Em contrapartida, mesmo sem a homogeneidade de discursos e pensamentos, as condições materiais desses

grupos apresentam-se como terreno fértil para práticas que contrapõem o pensamento hegemônico de reprodução da sociedade.

A partir do debate cinematográfico, buscamos auxiliar na construção de instrumentos internos que incentivem e aprimorem a organização dos movimentos sociais, capacitando seus integrantes na prática política de construção da consciência de classe e na conquista de direitos e cidadania nas esferas econômica, política e social. Da mesma forma, buscamos auxiliar na formação de lideranças nos movimentos sociais capazes de difundir os conhecimentos adquiridos através da técnica apresentada, qual seja: o recurso cinematográfico. Ademais, a construção de tais espaços de formação política e cívica capacita os estudantes envolvidos no uso didático-pedagógico da linguagem cinematográfica para o exercício de suas atividades enquanto educadores, além de prepará-los para outras formas de apreensão, construção e entendimento da realidade social através da imagem. Considerando que estamos incidindo sobre uma realidade pouco vivenciada para a maioria dos agentes externos envolvidos, tal prática propicia o surgimento de novas identidades, orientadas para a compreensão de diferentes visões de mundo, de grupos e instituições, envolvendo as realidades local, regional, nacional e internacional.

Neste artigo apresentaremos o trabalho realizado com o “Movimento Popular pela Reforma Agrária” (MPRA), localizado em Uberlândia desde os anos 2000. Nossa proposta foi discutir com as lideranças e os membros do acampamento o documentário “Guariba-1984”, de forma a apresentar ao movimento uma realidade que lhe é próxima, construindo, assim, a partir do filme e do debate sobre o mesmo, uma análise política acerca da organização social, bem como dos direitos civis e de cidadania no contexto de

uma sociedade dividida em classes sociais.

A metodologia está fundada na pesquisa participante e na perspectiva da geração de conhecimento socialmente referenciado. A multiplicidade de discursos que serão identificados no debate do movimento social com a academia sobre a problemática colocada pelo filme representa a diversidade da composição sócio-histórica em que esses sujeitos são formados. As formas de reprodução da sobrevivência no meio rural nos dão indícios dos sentidos do que é explicitado.

Sobre o Movimento Popular pela Reforma Agrária

As monoculturas de eucalipto, cana-de-açúcar e de soja representam a maior parte da exportação brasileira. Em contrapartida, existe uma parcela de trabalhadores que vive da agropecuária, da pesca e do extrativismo na forma de produção para subsistência. O binômio agronegócio exportador e trabalhador rural (seja ele assalariado, pequeno produtor rural, ou sob outras denominações de relações de trabalho) remete-nos aos conflitos dessa relação, uma vez que o agronegócio concentra grande parte dos investimentos e da área agricultável, enquanto os assalariados do campo e pequenos produtores passam por restrições de todo tipo. Os movimentos sociais do campo são diversos agrupamentos organizados por reivindicações de melhores condições de vida que, na maioria das vezes, perpassa a luta pela posse da terra, como por exemplo, o movimento de posseiros, dos sem terra, dos atingidos por barragens, quilombolas e os indígenas (GRIBOWSKI, 1987). Além disso, dependendo da orientação política e do nível organizativo do movimento, sua prática é fundada na contestação do atual modelo de produção e de distribuição de renda. O movimento de luta pela terra, representado pelo “Movimento Popular pela Reforma Agrária – MPRA” será destacado nesta investigação devido a sua significativa presença no Triângulo Mineiro.

Nesse sentido, após contatos iniciais com o MPRA, o grupo demonstrou interesse pelo projeto desde que ele fosse realizado em um acampamento pertencente a sua base, após participarem como convidados em outras atividades deste mesmo projeto de extensão. A disposição apresentada e o interesse em qualificar suas ações e promover o debate político nos despertaram especial interesse na escolha deste como foco do projeto.

O MPRA é um movimento de luta pela terra que tem área de atuação restrita à região do Triângulo Mineiro. Contam com uma área de pré-assentamento, no município de Uberlândia, e dois acampamentos, em Uberlândia e em Comendador Gomes, reunindo em torno de 200 famílias. O grupo surgiu, a aproximadamente nove anos, de uma dissidência do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

O Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (GPTES), fez um trabalho de reconhecimento do grupo do acampamento “Resistência”, que fica a aproximadamente 60 quilômetros de Uberlândia.

Chamou-nos a atenção um projeto de “Permacultura”, que consiste em utilizar aquilo que a terra fornece de modo sustentável, em desenvolvimento na área do acampamento “Resistência” em articulação com a Incubadora de Empreendimentos Solidários da PROEX/UFU. A partir dessa ideia, o acampamento elaborou um projeto de construção de casas e há previsão para que se construa também um galpão para reunião, alojamentos, salas de aulas, uma praça de ervas medicinais e uma rede de esgoto (fossas), utilizando materiais ecológicos como bambu, barro, capim e folhas de coqueiro. Podemos citar ainda, áreas de produção coletiva, horta e viveiro, baseados na noção de desenvolvimento sustentável. As crianças do acampamento frequentam a escola municipal rural e alguns adultos frequentam as aulas do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvidas nesta mesma escola, dependendo, para tanto, do transporte

escolar da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

O filme e seus desdobramentos

O filme "Guariba – 1984" possui como fio condutor a exibição de imagens dos dias da greve de 1984, na cidade homônima do filme, que teve como protagonistas os cortadores de cana de uma usina da região. Revoltados com as condições de trabalho e de sobrevivência, indignados com a forma de pagamento da cana cortada e com o preço da água e da comida muito além de suas possibilidades, as personagens se revoltam, param de trabalhar e exigem da empresa uma negociação. A polícia reprime brutalmente a manifestação e um trabalhador é assassinado.

A exibição do filme e o debate foram realizados na sede do acampamento que possui uma cozinha comunitária, um banheiro, dois quartos, uma sala e uma área externa, onde há painéis informativos (Foto 1) sobre diversos temas, como: ecologia, artes, literatura, espaço livre e divulgação dos aniversariantes do mês.



Foto 1: Painel na área externa da sede.

Na ocasião, reuniram-se cerca de 20 pessoas, entre crianças, jovens adultos e idosos. O filme (Foto 2) foi exibido após uma breve apresentação do grupo de pesquisa e dos objetivos da atividade. Logo após o filme, todos

foram convidados a partilhar suas impressões.



Foto 2: Momento de exibição do filme

Logo após a apresentação do filme, destacamos pontos que nos pareceram relevantes sobre sua concepção de movimento social, a noção de justiça e cidadania, e também sua percepção da política, direitos e democracia. Apresentaremos a seguir algumas questões que surgiram durante o debate, na fala dos seus participantes.

Corroborando com nossa intenção com a escolha do filme, percebemos que os acampados se identificaram em diversos momentos com os personagens do filme exibido. O documentário tratou de uma realidade próxima da experiência de vida dos moradores do acampamento "Resistência", vários deles ex-cortadores de cana ou trabalhadores rurais temporários em lavouras diversas. Percebemos falas de identificação com a luta pela cidadania, dignidade do trabalho, direito a terra, justiça social e história do movimento sem-terra. E, na condição de movimento social, vivem o conflito permanente com a violência da polícia e dos latifundiários.

No debate, eles nos apresentaram as experiências de conflito vivenciadas recentemente no grupo, que sofreu duas reintegrações de posse somente no ano de 2009.

Uma concepção de movimento social

Durante a discussão do filme exibido, muitas vezes os participantes, nas suas falas sobre a maneira como interpretaram o documentário, revelaram a sua postura em relação a “o que é um movimento social?” e seu papel político.

Por vezes essas opiniões divergiram devido a diferentes experiências de vida, até mesmo anteriores à vivência no movimento social. Alguns disseram que, o modo de vida representado pelo filme se assemelha à desumanidade que encaram as suas próprias vidas, e acreditam que:

Tem que se fazer revolução, greves, mostrar para os governantes que isso é injusto, senão não vai melhorar, só piorar.

E ainda:

No movimento sem terra, a revolução virá com um quebra-quebra e para nós aqui, a palavra sem terra é pouco. Nós não somos apenas sem terra, mas sim, revolucionários da reforma agrária. E se as autoridades não providenciarem uma solução, então terá uma revolução, e quando ocuparmos essas fazendas aqui, vamos quebrar mais cadeados do latifúndio.

Esta fala explicita a concepção de movimento social surgida no interior do grupo, com um papel combativo e consciente do seu caráter revolucionário. Alguns se identificaram com o que aconteceu na cidade de Guariba e se consideram pessoas batalhadoras que lutam pelo que acham que são direitos deles.

Existe ainda a concepção de que o movimento possui um número reduzido de militantes, se restringindo a três grupos, devido ao seu Regimento Interno. E isso se apresenta na fala da liderança, que diz:

Nosso grupo é um grupo pequeno devido ao nosso regimento. A gente coloca que não queremos excluir os que já são excluídos pela sociedade, mas nós colocamos que somos um

movimento familiar, não aceitamos bebida alcoólica, uso de drogas, de arma de fogo e não aceitamos roubo. Então, nós tentamos trabalhar com o mínimo de condições que temos.

Acreditam também que o movimento constitui um projeto que pode crescer e ajudar outras pessoas:

O nosso projeto do MPRA é que essa seja uma fazenda modelo, pra podermos tirar pessoas que passam fome na cidade, trazer pra cá, ajudar, capacitar e ensinar. Tem gente que passa fome, nós não, nós plantamos, então eu acho que um dia nós iremos crescer.

Podemos perceber na fala dos depoentes que eles (o movimento) se apresentam como uma alternativa frente à pobreza, à degradação do trabalho e ao desemprego. Dizem do sonho, do projeto de sustentação do movimento e de suas vidas com o trabalho no campo:

Tem gente que passa fome. Nós não passamos, nós tiramos o que comer da terra. Porque eu quero viver da terra como já vivi.

A origem das pessoas que compõem este grupo é diversa, podendo apresentar, ou não, uma relação com o meio rural, anterior ao envolvimento com o movimento. No entanto, manifestam a vontade de construir ali sua vida. A vida no campo foi apontada como uma alternativa à violência e às drogas da cidade, sendo por isso um lugar mais interessante para criarem seus filhos. No trecho seguinte, apresentamos uma fala que explicita esta visão positiva da vida na roca, inclusive destacando uma diferença relativa ao transporte escolar, que é garantido pela prefeitura nas escolas da zona rural em virtude da distância das escolas do local de residência. Sabe-se, entretanto, que vários estudantes da cidade sofrem problemas pela distância que as escolas estão de suas residências.

Eu era da roca, fui para a cidade, agora

nasceram meus filhos. fiquei com medo de perder meu filho pra cidade, tenho dois filhos. Eu não vou perder meus filhos pra cidade, porque a cidade é só droga, e ninguém toma conta disso. A educação que eu tenho pro meus filhos hoje... meu filho acorda cedo, ele procura as atividades, ele faz as tarefas, quando tava na cidade o mais velho que tem 14 anos, era só reclamação, só problema. Hoje é elogio, a professora, é outra vida. Um apoio também rural, na cidade não tem nenhum apoio, estuda quem quiser, aqui não, a van vem seis e trinta da manhã pegar o aluno que tiver na parte da manhã, vem meio-dia pegar os alunos da tarde, vem a noite pegar as pessoas.

Da noção de cidadania

Adifusão da expressão “cidadania” emerge nos anos 1980. Por ter sido, desde então, uma expressão apropriada por diversos grupos – com sentidos e intencões diferentes – (DAGNINO, 1994), há a necessidade de se precisar e delimitar o seu significado. Para a autora, duas dimensões são fundamentais nessa delimitação: a origem de seu significado (ligado à experiência concreta dos movimentos sociais na luta por direitos), e o acúmulo que essa experiência concreta gerou na construção da democracia, na sua extensão e no seu aprofundamento. Esses dois sentidos da cidadania apresentam um caráter de estratégia política, ou seja, ela expressa e responde hoje a um conjunto de interesses, desejos e aspirações de uma parcela significativa da sociedade, mas que certamente não se confunde com toda a sociedade, o que configuraria uma disputa histórica pela fixação do seu significativo e, portanto, de seus limites (DAGNINO, 1994).

As reflexões desenvolvidas pela autora citada nos são pertinentes, pois a partir da exibição do filme, emergiram apontamentos acerca da cidadania que, a nosso ver, para os acampados, se confundem com as noções de direitos e justiça. Ao indagarmos sobre a justiça, obtivemos a seguinte reflexão:

Eu acharia que tem muitos apoios hoje

em dia, mais do que vários tempos atrás que eu comecei a trabalhar. Nós temos um apoio muito grande, agora graças a Deus que a gente tem um apoio muito maior do que aquele que eu passei pra trás. Essa aqui reforma agrária, Nessa minha, equipe aqui, nós ainda não saímos batidos, o negócio de uma bancadaria policial, sempre respeitam nós, por quê? Porque nós num bole no que é dos outros, isso aí é roubo, então a gente vive em paz, com nosso rangozinho todos os dias, não adianta chegar e meter a mão no que é alheio lá fora pra depois num dar. Por isso que hoje eu acho que to numa garantia muito grande, graças ao senhor Jesus.

Podemos dizer que a noção de justiça expressa na fala acima vai ao encontro do acesso às mínimas condições de cidadania e preservação da vida, que em outras situações não eram minimamente respeitadas/garantidas. Por exemplo, em um passado recente, em que, não raro, as divergências/inijusticas do trabalho no campo acabavam na morte de um dos lados (ou do capataz ou do cortador). Conforme a fala abaixo:

É isso que eu tenho que dizer, porque esse trabalho de cortar cana não é fácil, porque você chega bem de manhã, às quatro horas da manhã e pega um coletivo na porta do alojamento. Você vai naquela frieza, chega lá a mão tá entrevada de frio, você arrasta umas palhas de cana pra fazer um foguinho e poder esquentar as mão pra poder pegar no cabo do obieto, o tal do facão, pra cortar a cana. E as abelhas..., a cana junta aquele melzinho, e as abelhas essas Europa..., às 2 horas da tarde os caras tão tudo com as mãos inchadas. Isso não é fácil não. E às vezes o cortador de cana sendo pai, ele perde a cabeça a qualquer momento, até com o fiscal que vai medir a cana dele, se faltar um metro, quando ele entender que ali falta um metro, eles mesmo arrancavam a cabeça do fiscal, lá dentro da palha, ali mesmo. Gracias a Deus que hoje em dia aumentou mais os policiais, foi muito bom isso aí, porque negócio de drogaria acontece tanto na cidade, na capital, no campo, e no campo ainda mais ainda porque mesmo lá dentro, e graças a Deus esses policial rebateram muito, graças ao senhor Jesus.

Ou seja, diante das condições precárias de trabalho no corte da cana, a presença da polícia é interpretada como sinônimo de melhoria, encobrindo o fato de que a presença da polícia tem o intuito de evitar que fiscais sejam assassinados, e não o de garantir que as medições sejam justas. Da mesma forma, o uso de drogas ora é coibido, ora é incentivado pelas usinas, em busca de melhores índices de produtividade no corte de cana.

Ampliar a discussão do quem vem a ser cidadania (direitos e deveres) se faz uma necessidade para o grupo, a fim de que estes avancem em sua própria compreensão de agentes desse processo. Buscando problematizar o que vem a ser a justiça ou a falta dela para o grupo, assim falou uma das lideranças do movimento:

O exemplo maior que pode ser dado em termos de falta de justiça é o que os companheiros já passaram em relação a essa fazenda. É essa a justiça? É essa a justiça que eles colocam pra gente? O latifundiário faz um laudo da fazenda dando ela como improdutivo, ele afirma que não há área em que ele trabalhe dentro dela, ele mesmo assina. Aí vem o INCRA que se diz o órgão que detém isso, e eu acho que não teria nem que existir o INCRA, aí ele vem aqui junto com o proprietário, faz as medições, anda tudinho aí e o laudo é dado agora como produtivo. E onde é que está a justiça nisso? Primeiro, o laudo é dado como improdutivo, a advogada do latifundiário simplesmente questiona o laudo e não é feito um novo laudo. [...] A fazenda dá improdutivo através do laudo, além do latifundiário ter falado que ela é improdutivo. A fazendeira se arrepende porque aparece um futuro negócio, arrepende disso tudo e a advogada dela questiona o laudo do INCRA, sendo que é um laudo federal e simplesmente o laudo passa a ser produtivo. E onde está a justiça nisso? Porque é essa justiça que a gente está vivendo aqui, companheirada! Aí a gente tem que fazer uma análise mais profunda de onde está essa justiça. Por exemplo, hoje melhorou, mas se a gente tivesse firmado o pé e resistido à reintegração de posse... ia ser do mesmo tamanho. É onde a gente tem que fazer essa análise do que é essa justiça pra gente? Porque a gente não levou cacetada ainda, a gente não

apanhou ainda, simplesmente porque a gente está andando de acordo com a justiça que é imposta pra gente (grifo nosso).

A fala acima é propositiva no sentido de que a noção de justiça não deve ser simplesmente absorvida pelo grupo. Ademais, como falar em apoio ou justiça se o movimento arcou com uma despesa de 14 mil reais pra ter assistência jurídica nesse processo?

Nesse sentido, Dagnino (1994) sugere uma distinção entre a nova cidadania dos anos 1990 da visão liberal, que tenta permanecer vigente cumprindo um papel diferente do seu surgimento – resposta do Estado às reivindicações da sociedade. A autora discute um ponto crucial desta diferenciação que vai ao encontro das contradições presentes nas falas dos integrantes do movimento em questão, que dizem respeito propriamente à democracia e à noção de direitos:

Um primeiro item se refere à própria noção de direitos. Considero que a nova cidadania trabalha com uma redefinição da ideia de direitos, cujo ponto de partida é a concepção de um direito a ter direitos. Essa concepção não se limita, portanto a conquistas legais ou ao acesso a direitos previamente definidos, ou à implementação efetiva de direitos abstratos e formais, e inclui fortemente a invenção/criação de novos direitos, que emergem de lutas específicas e da sua prática concreta. A disputa histórica é aqui também pela fixação do significado de direito e pela afirmação de algo enquanto um direito. O direito à autonomia sobre o seu próprio corpo, o direito à proteção ambiental e o direito à moradia são exemplos - propositadamente bastante diferentes - dessa criação de novos direitos. Além disso, acho que é possível afirmar que essa redefinição contempla não só o direito à igualdade, mas também o direito à diferença (DAGNINO, p.107, 1994).

De acordo com as impressões captadas nessa experiência, concordamos com a autora que no âmbito dos movimentos sociais surge um terreno fértil para reflexões que ampliem ou superem as noções legitimadas pelo liberalismo,

até porque as reivindicações desses movimentos ultrapassam a ordem criada por esta doutrina.

Sobre política, democracia e poder

Pudemos constatar várias abordagens dos militantes e das bases em torno dos temas democracia e política. Alguns membros manifestaram que observam mudanças positivas ao longo do tempo, quanto à organização do grupo e à captação de recursos.

Eu acho que as coisas evoluíram muito. As pessoas estão dando conta de que seu espaço é muito maior. É uma semente muito pequena, né?!

A partir dessa concepção de que há melhorias, eles sentem-se motivados a buscar seus direitos, a se organizarem para conseguir mobilizar o governo para suas reivindicações, começam a entender que o “poder” vai além do institucionalizado, do poder político de governo, se manifestando nas relações sociais dos movimentos organizados.

A gente já começou a correr atrás do direito da gente. A terra é nossa. Deus não deixou a terra pra ninguém. É por aí, já vi muito documentário, já vi reportagem. O sem terra é muito discriminado, essa é a realidade. Nós somos o lixo (emocionado), mas já tem sem terra abastecendo Belo Horizonte. Então eu acho assim que o governo, a potência maior que é os ministros, que a gente acaba votando neles colocando eles lá, acreditando que cada eleição vai mudar. Eu acho que apostaram muito já nos grandes. Teria que dar uma chance pro pequeno. Porque tem muita gente que tem sonho aí, por exemplo, o nosso projeto é uma pequena semente. E quem sabe ela germina.

Neste, e ainda em outros momentos do debate, observamos a presença de um discurso de caráter religioso dos militantes, que justificam a necessidade de uma forma outra de distribuição de terras, já que estas não deveriam

ser consideradas propriedade privada de ninguém, segundo os ensinamentos religiosos.

Um dos participantes do debate demonstrou em seu depoimento reconhecer o poder que os indivíduos adquirem quando se reúnem em um movimento social. Ele afirmou que um grupo consegue ter poder quando pessoas que lutam pela mesma causa, que sentem a mesma necessidade de mudança, se unem.

A minha opinião sobre o que passou nesse filme é a união dos trabalhadores, a união dos oprimidos, porque quando nos unirmos verdadeiramente nós vamos ter forças pra quebrar todas as correntes que estão nos travando. Então, a primeira coisa que nos temos que fazer é nos unir num objetivo só, que aí nós vamos ter forças. Pequenos grupos têm força como foi mostrado ali, mas era um pequeno grupo, mas a maioria dos trabalhadores que são reprimidos pelo sistema capitalista deveria repensar na sua posição e se unir, porque através da união poder mudar a nossa realidade e a realidade de muitas outras pessoas.

O movimento reconhece que a forma de conseguir mobilizar o governo para sua causa é por meio de greves e de manifestações que atingem diretamente a força do Estado. Os integrantes demonstram ser conscientes de que, para que aconteçam as mudanças almejadas, é preciso que as massas busquem manifestar poder, se movimentem para serem enxergadas pelo Estado.

Então, no ponto de vista da gente tá mais globalizado, porque a gente já viu várias ações, até mesmo ato de vandalismo: vandalismo não, tão correndo atrás dos direitos, porque no Brasil, pra gente ser reconhecido você tem que mexer com as autoridades máximas, porque se você não tocar neles não tem, você paralisa uma rodovia, o governo federal sente no bolso, por quê?(...) então eu acho que o poder, aumenta a fúria de todo mundo, e os pequenos tão tendo poder, e o dia que enfurecer, a base vai mandar, e o dia que a base mandar, aí nós vamos ter Brasil.

Eles analisam ainda, de maneira explícita,

a forma de eleição das representações de governo, o que demonstra sua concepção sobre a fragilidade de nosso sistema democrático.

Quando você põe um governo lá pra governar o Brasil, é você que coloca ou é eles que colocam? Porque eles põem lá o candidato, você tem que votar naqueles candidatos. Ah, eu não votei naquele cara lá, e eles colocaram ele lá e eu sou obrigado a votar naqueles quatro camaradas que estão lá ou cinco ou dez que estão lá. então é lógico que na presidência são eles mesmo que estão lá, a gente é obrigado a votar naqueles que estão lá. então eu não coloque ninguém na presidência. Você não colocou, eles colocaram lá o candidato que eles quiseram.

Reflexões finais

O filme exibido pelo grupo conseguiu atingir nossas expectativas, pois foi um estímulo para a reflexão dos membros do movimento e acalorou nosso debate em torno

da organização dos movimentos sociais. Desta forma, em nosso debate, convergimos para a conclusão de que a força do movimento está na sua capacidade de organização.

Desta feita, apontamos para a necessidade de continuidade de atividades similares a esta, com o objetivo de desenvolver com os integrantes do movimento a consciência do papel político que eles desempenham.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio da FAPEMIG e da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX/UFU). Nossos agradecimentos também aos alunos Juliana de Araújo e Silva e Pablo Guilherme Marcelino Pereira, participantes do projeto, integrantes do grupo GPTES e bolsistas do PIEEX, e, ainda, a Hinuanv Borges de Melo e Florence Rocha Vercosa Pereira, bolsistas do IC, que contribuíram para o artigo.

Referências

- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: _____. (Org.). **Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 103-111.
- GRZYBOWSKI, Candido. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- RODRIGUES, N. Adeus meninos: um discurso contra o esquecimento. In: TEIXEIRA, I. A. C; LOPES, J. S. (Orgs.). **A escola vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Submetido em 31 de março de 2010

Aprovado em 11 de maio de 2010